

# THE DARJEELING LIMITED

## Notas de Produção

Wes Anderson já escreveu sobre as vicissitudes simultaneamente cômicas e infelizes do amor e das relações familiares: numa escola preparatória no filme “Gostam Todos da Mesma”, numa família de antigos gênios em “Os Tenenbaums - Uma Comédia Genial” e debaixo do convés de um barco de exploração subaquática em “Um Peixe Fora de Água”. Agora, com “Darjeeling Limited”, ele baseia a sua história na reunião entre três irmãos, afastados uns dos outros, talvez no local mais intrigante que utilizou até agora: a bordo de um comboio cujo destino atravessa os desertos de Rajastão, levando os três atônitos irmãos através de vastos territórios desconhecidos, tanto ao nível físico como emocional.

“Sempre quis fazer um filme que se passasse num comboio porque gosto da ideia de uma localização em movimento. O local avança juntamente com o avanço da história.”, diz Anderson, “Já fiz um filme que se passava num barco”.

Os comboios inspiram cineastas desde os primeiros tempos do cinema. Em 1895, os irmãos Lumière foram pioneiros no filme de cinquenta segundos “A chegada do Comboio” e aterrorizaram audiências, que nunca tinham visto uma imagem a vir direito a elas. Em 1903, Edwin S. Porter criou o primeiro filme narrado em “The Great Train Robbery”. E desde essa altura, desde a sofisticação prodigiosa de “Um Crime no Expresso Oriente” até ao caos de “Os Quatro Cabeleiras do Após-Calypto”, os comboios têm sido um meio impulsionador de todos os tipos de personagens em todos os tipos de viagens.

Porém, os comboios que chamam a atenção de Anderson não são umas locomotivas quaisquer, mas sim os que atravessam o país com mais linhas de comboio: a nação em potencial crescimento que é a Índia. Anderson nunca tinha ido à Índia antes de conceber este filme, mas há muito que estava apaixonado por paisagens que lhe saltaram à vista em alguns dos seus filmes favoritos, especialmente em “Le Fleuve”, um filme de Jean Renoir passado nas margens do Ganges, e os filmes tocantes de Satyajit Ray.

A ideia de trazer a sua própria sensibilidade cômica e agridoce para um mundo tão diferente do seu, intrigou-o. Assim, todas estas histórias juntam-se e Anderson deu por si a lançar a sua própria demanda, com três homens, para a Índia. “Decidi que eu gostaria de fazer um filme na Índia, decidi que gostaria de fazer um filme passado num comboio e pensei que gostaria de fazer um filme acerca de três homens”, diz Anderson, “depois convidei os meus amigos Jason Schwartzman e Roman Coppola a juntarem-se a mim para escrever o argumento e iríamos juntos para a Índia”.

Antes da Índia, Anderson, Schwartzman e Coppola começaram a escrever enquanto viviam temporariamente em Paris, Jason Schwartzman recorda o processo: “Sei que isto soa um bocado piroso e pitoresco mas começámos a escrever grande parte do filme em pequenos cafés franceses, durante a noite. A certa altura Wes simplesmente disse: «Sabem, se calhar era bom irmos à Índia». E então fomos todos em Março de 2006 e foi quando começámos a participar nas mesmas coisas sobre as quais estávamos a escrever”.

Muita da inspiração inicial para criar as personagens baseou-se nas relações pessoais e nas experiências de viagens de cada um dos argumentistas, observou Coppola. “Cada um acabou por partilhar as suas experiências e deu origem a algumas das ideias que se apresentam no filme”, explica Coppola. Assim surgem os três irmãos Whitman que se encontram na Índia um ano depois de terem enterrado juntos o pai, não tendo falado uns com os outros desde essa altura. É Francis, o mais velho, que reúne os distantes parentes após um acidente de mota que o deixou como uma múmia, cheio de pensos rápidos e ligaduras. Reunir-se com os seus irmãos foi a primeira coisa que quis fazer ao ressuscitar depois do acidente. Francis criou um itinerário, planeado ao minuto, cuidadosamente controlado, preparado para trazer aos três irmãos uma espécie de epifania espiritual, ou pelo menos juntá-los um pouco mais.